

DIALECTOLOGIA ATUAL: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Abstract

This paper focuses on the actual stage of Dialectology according to what has been done in Brazil to what has been outside national bounds, emphasizing methodological changes throughout the time. A historical view of Brazilian dialectal studies is also pointed out, taking into account the tendencies, which has characterized them.

Key words: Dialectology. Dialectal studies. Sociolinguistics.

Ramo dos estudos lingüísticos que se consolida nos começos do século XX, com a publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF) de Jules Gilliéron, a Dialectologia tem, desde então, seguido o seu curso, no caminho do aprimoramento de princípios metodológicos e na ampliação dos objetivos que se propõe atingir. No Brasil, como se estabeleceu, os estudos dialetais têm o seu começo em 1826, com a presença do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, no Atlas Ethnographique du Globe de Adrien Balbi.

Nesta comunicação focaliza-se o estado atual da Dialectologia na perspectiva do que se tem feito no Brasil e em relação ao que se passa fora dos limites nacionais, pondo em destaque as mudanças metodológicas que se vêm operando no curso do tempo. Para tanto, apresenta-se, inicialmente, uma visão histórica dos estudos dialetais brasileiros com as tendências que os têm caracterizado e com a identificação das diferentes fases que podem ser reconhecidas, para, a seguir examinarem-se as tendências metodológicas e, por fim, concluir-se com uma indagação – *No alvorecer do terceiro milênio a dialectologia permanece monodimensional ou assume-se exclusivamente pluridimensional?* – que se espera poder responder.

1. UMA VISÃO HISTÓRICA DOS ESTUDOS DIALETAIS BRASILEIROS

É do conhecimento de quantos lidam na área que o marco inicial da Dialectologia no Brasil deve-se a Domingos Borges de Barros, o

Visconde de Pedra Branca, que, em 1826, a pedido do geógrafo Balbi, escreveu um breve estudo no qual compara o português do Brasil com o português de Portugal, apresentando, do ponto de vista do léxico, casos de não coincidências entre esses dois usos da língua, seja pela presença de formas registradas no Brasil e não existentes além-mar, seja pelos novos valores semânticos que assumiu, na terra conquistada, um determinado número de palavras. A sua contribuição à obra de Balbi, que se constitui de dois conjuntos de palavras, agrupadas em “Noms qui ont changé de signification” – 8 palavras – e “Noms en usage au Brésil et inconnues en Portugal” – 50 formas –, segundo constam do capítulo IV – “Introduction Chapitre IV – Observ. sur les lang. Européennes” (p. 172-174), se inicia com a afirmação, que se lê à página 172, e a seguir se transcreve:

As línguas mostram os costumes e as características dos povos. A língua dos portugueses se ressent de seu caráter religioso e belicoso; dessa forma, as palavras *honesto, galante, beato, bizarro*, etc. têm uma significação bem diversa daquela que têm em francês. A língua portuguesa é pródiga em termos e frases para exprimir movimentos rápidos e ações fortes. Em português golpeia-se com tudo; e quando o francês, por exemplo, tem necessidade de acrescentar a palavra *coup* à coisa com a qual golpeia, o Português o exprime simplesmente com o nome do instrumento. Diz-se em francês, *un coup de pierre*, em português, *uma pedrada*; *un coup de couteau*, *uma facada* etc.¹

¹ “Les langues montrent les moeurs et les caractères des peuples. Celle des Portugais se ressent de leur caractère religieux et belliqueux; ainsi, les mots *honnête, galant, béate, bizarre*, etc., ont une signification bien différente de celle qu’ils ont en français. La langue portugaise abonde en termes et phrases pour exprimer des mouvements emportés, des actions fortes. En portugais, on frappe avec tout; et quand le Français, par exemple, a besoin d’ajouter le mot *coup* à la chose avec laquelle il frappe, le Portugais l’exprime du seul mot de l’instrument. On dit en français, *un coup de pierre*, en portugais, *une pedrada*; *un coup de couteau*, *une facada*, etc.”

A partir de então, costuma-se considerar iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil, para a qual são reconhecidas diferentes fases identificadas pela natureza da produção dominante. Assim, Nascentes (1952, 1953a), propõe duas fases, Cardoso e Ferreira (1994) formulam a divisão em três períodos e, presentemente, Jacyra Mota e Suzana Cardoso vêm elaborando uma nova proposta de periodização.

1.1 A PROPOSTA NASCENTES

Em meados do século XX, Nascentes apresenta, em dois artigos sucessivamente publicados na revista *Orbis*, a primeira proposta de ordenação dos estudos dialetais no Brasil. São duas as fases: a primeira de 1826 a 1920, e a segunda, a partir de 1920, assim introduzidas:

Pode-se dividir a história dos estudos dialectológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano no qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrien Balbi, até 1920, ano da publicação do livro *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 aos nossos dias (1952, p. 181)².

À primeira fase atribui a importância de reunir as manifestações iniciais de caráter dialetal, direcionadas, basicamente, para os estudos semântico-lexicais. É o momento dos glossários regionais, dos léxicos sobre o português do Brasil e de apresentação de contribuições nacionais aos dicionários de língua portuguesa, trazendo, como ilustração, uma detalhada lista de trabalhos.

Estabelece, como marco inicial para a segunda fase, a publicação do trabalho de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, pelo caráter inovador que imprime aos estudos dialetais, direcionando-os para o conhecimento de uma determinada área, por meio da descrição e análise de dados tomados *in loco*. Surgem, assim, os estudos de natureza monográfica, voltados para o conhecimento aprofundado da realidade de áreas específicas. E do rol que apresenta constam trabalhos que propiciaram as primeiras investidas, com rigor científico e com sistematicidade, no português brasileiro.

O fato de ter parado em 1952 – «aos nos-

so dias», como se refere à p. 181 –, data da publicação dos artigos com base nos quais formula uma divisão para a história dos estudos dialetais no Brasil, explica não ter esse autor pensado numa terceira fase – nem poderia tê-lo feito. Na verdade, a Geolinguística no Brasil passa a se desenvolver a partir dos meados do século XX e ganha *status* com o Decreto que prevê a realização de um atlas lingüístico do Brasil.

1.2 A PROPOSTA CARDOSO E FERREIRA

A formulação tripartida, apresentada pelas Autoras, tem como base identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas, reformulando, assim – talvez melhor dizendo, complementando – a periodização, proposta por Nascentes (1952, 1953a).

A primeira fase, que coincide com a proposta por Nascentes (1952), recobre um século e estende-se de 1826 a 1920, data da publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Os trabalhos produzidos direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. São dicionários, vocabulários e léxicos regionais aos quais se soma um primeiro estudo de natureza mais ampla e de cunho gramatical, *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, escrito pelo brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879), que trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil *versus* o português de Portugal e que tem, na sua obra, sugestiva dedicatória:

Aos moços que, se tendo ido formar em Coimbra, dizem que querem outra vez ser considerados como nascidos no Brasil, ofereço esta comparação da nossa maneira de falar com a dos actuaes Portuguezes.

A contribuição de Paranhos da Silva amplia-se para além desse estudo com duas outras publicações: o *Systema de orthographia brasileira* (1880) e *Algũs artigos que já forão e ôtros que ião ser publicados na REVISTA BRAZILÉIRA* (1882).

A segunda fase inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral e se

² «On peut diviser l'histoire des études dialectologiques au Brésil en deux phases: la première, de 1826, année dans laquelle le brésilien Borges de Barros fait paraître une étude dans le livre d'Adrien Balbi, jusqu'à 1920, année de la publication du livre *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral; la deuxième, de 1920 à nos jours.»

estende até 1952, momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolingüística em território brasileiro. É marcada pela produção de trabalhos de cunho monográfico voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical mas também fonético-fonológico e morfossintático. São, assim, produzidos estudos de caráter monográfico, dos quais se destacam os trabalhos de Amaral, Nascentes e Marroquim, obras iniciais do período, com primeiras edições publicadas, respectivamente, em 1920, 1922 e 1934, que imprimem uma nova ótica ao exame da realidade lingüística brasileira, e que tentam implantar uma nova metodologia de trabalho e fornecem dados nos diferentes níveis de enfoque da língua. A essas três obras postas em destaque, reúnem-se outras que caracterizam essa segunda fase, as quais se distribuem, segundo o enfoque que as domina, em quatro grupos diferenciados (CARDOSO; FERREIRA, 1984).

No primeiro grupo, estão léxicos e glosários regionais que permanecem sendo produzidos e dão, em conseqüência, continuidade ao que predominou na fase anterior.

No segundo grupo, encontram-se obras de caráter geral que analisam as questões numa perspectiva mais ampla e globalizante, como o fazem: *O português do Brasil*, 1937, de Renato Mendonça; *O problema da língua brasileira*, 1940, de Sílvio Elia; *A língua do Brasil*, 1946, de Gladstone Chaves de Melo.

Integrando um terceiro grupo estão estudos de caráter regional, abordando, particularmente, aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos de uma dada região, como se vê, entre outros, em *O falar mineiro*, 1938, e *Estudos de Dialectologia portuguesa: a linguagem de Goiás*, 1944, de José Aparecido Teixeira, e em *A linguagem popular da Bahia*, 1951, de Édison Carneiro.

Por fim, vêm a constituir uma quarta vertente de interesses dialetais, nessa segunda fase, os estudos específicos sobre a contribuição africana, dentre os quais citam-se: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, 1933, de Jacques Raimundo; *A influência africana no português do Brasil*, 1933, de Renato Mendonça.

A terceira fase tem como marco um ato do Governo brasileiro, a publicação do Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952 – promulgado no 131º ano da Independência e no 64º da República por Getúlio Vargas, tendo como Ministro da Educação e Cultura Ernesto Simões Filho –, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do atlas lingüístico do Brasil, como consta do parágrafo 3º:

3º – A Comissão de Filologia pro-moverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil (grifo nosso).

Essa prioridade é retomada pela Portaria n.º 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do Decreto, põe ênfase na elaboração do atlas lingüístico do Brasil.

Sobre esse empreendimento manifestou-se Hampejs, em artigo de 1958, expressando pensamento que vale relembrar:

Um atlas lingüístico está sendo projetado no Brasil (sua abreviatura é ALB), impulsionado por Sever Pop nas conferências de agosto e setembro de 1954, pronunciadas no Centro de Pesquisas Rui Barbosa: desse modo, a dialectologia, que no Brasil tem estado até agora dominada pelos “dilettanti”, será de agora por diante dirigida cientificamente. Nada obstante, o Governo brasileiro não proporcionou, contudo, uma subvenção adequada para esse atlas “lingüístico, folclórico e onomástico” (1958, p. 130).³

Posta na letra da lei, não bastaria isso para que se viesse, de fato, a ter um outro momento na história dos estudos dialetais no Brasil. Era necessário que uma nova visão se introduzisse na abordagem dos fenômenos da variação lingüística no país. E isso aconteceu graças ao trabalho de figuras pioneiras, das quais destaco

³ “Un atlas lingüístico se está proyectando en el Brasil (su abreviatura es ALB), impulsado por Sever Pop en las conferencias de agosto y septiembre de 1954, dadas en el Centro de Pesquisas Rui Barbosa: de este modo la Dialectología, que en el Brasil ha estado hasta ahora dominada por los “dilettanti”, será en adelante dirigida cientificamente. Sin embargo, el Gobierno brasileño no ha proporcionado todavía una subvención adecuada a esse atlas “lingüístico, folclórico y onomástico.”

Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, que se empenharam na implantação de um novo momento para a Dialectologia brasileira: o início dos estudos de Geografia Lingüística.

A terceira fase da história dos estudos dialetais tem, assim, como marca identificadora, o começo dos estudos sistemáticos no campo da Geografia Lingüística, não ficando, porém, ausentes desse período, estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias, teses de doutorado e dissertações de mestrado sobre regiões diversas.

1.3 PARA UMA NOVA DIVISÃO

Presentemente, Jacyra Mota e Suzana Cardoso examinam uma reformulação da periodização da história dos estudos dialetais no Brasil, incluindo uma quarta fase, que se define com a construção do Atlas Lingüístico do Brasil e tem em vista as novas características de que se revestem os estudos dialetais brasileiros, no tocante à metodologia e aos avanços da descrição geolingüística no território nacional, não só a partir de um atlas geral, mas também com a implementação de atlas regionais.

2. TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS DIALETAIS

Adquirindo autonomia com o desenvolvimento do método geolingüístico, expande-se a Geografia Lingüística, a partir da publicação do *ALF*, pela Europa, atingindo a América. Surgem os primeiros atlas lingüísticos, inicialmente voltados, com exclusividade, para o reconhecimento da diferenciação diatópica, nada obstante verificar-se que a visão de outras variáveis estava, pelo menos, entre as preocupações dos dialectólogos de então, apesar de não se fazerem representar os indicadores de tais resultados nas cartas lingüísticas.

No Brasil, em meados do século XX, aparecem as primeiras manifestações em prol dos estudos geolingüísticos, e em 1963 publica-se o primeiro atlas lingüístico regional, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, de autoria de Nelson Rossi, Carlota Ferreira e Dinah Isensee, chegando-se ao começo do terceiro milênio com,

até agora, sete Estados com atlas regionais publicados – *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB)*, *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)*, *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*, *Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR)*, *Atlas Lingüístico de Sergipe-II (ALS-II)*, *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* – a que se junta a empreitada nacional conjunta do atlas lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), em curso.

A Dialectologia vem, presentemente, procurando explorar, ao lado da variável diatópica, outras variáveis como a diagenérica, a diastrática, a diageracional, a diarreferencial e a diafásica, buscando, assim, atender à configuração do mundo atual, fazendo surgirem atlas que, cartograficamente, mantêm sob controle tais variáveis. Por outro lado, no campo dos objetivos a perseguir, tendo começado com atlas nacional, a Geolingüística vem caminhando na direção de atlas regionais, de atlas nacionais e de atlas transnacionais, sejam os atlas de famílias de línguas, como se ilustra com o *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, seja com o atlas continental que recobre toda a Europa, o *Atlas Linguarum Europae (ALE)*.

2.1 A VISÃO DIATÓPICA

A realização do primeiro atlas como de natureza nacional, levou, por certo, à necessidade de se buscarem as especificidades e os detalhes de regiões que, num trabalho de cunho nacional, não podem ser aferidos nos seus pormenores. Tal necessidade impulsiona o aparecimento dos atlas regionais e, nesse capítulo, mais uma vez a França dá o exemplo. Com a morte de Gilliéron, em abril de 1926, o seu aluno e sucessor na École Pratique des Hautes Études, Albert Dauzat, assume a condução de uma nova geração de dialectólogos franceses e toma a iniciativa, em 1939, de realizar o *Nouvel Atlas Linguistique de la France par Régions*, que não se propunha substituir o *ALF*, mas corrigi-lo e completá-lo (HAMPEJS, 1958, p. 113).

A realização de atlas regionais tornou evidente que os limites lingüísticos têm contornos muito especiais e, como é consabido, não se sujeitam às delimitações geopolíticas. Tal entendimento gerou a preocupação com atlas de famílias de línguas, que traçassem o percurso de

cada língua considerada, o que levou a resultados como os do *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, hoje já com o seu segundo volume – de uma série pensada de 10 volumes – publicado. Uma outra consequência também decorreu dessa mesma preocupação: o perfil dessas línguas e dessas mesmas famílias numa perspectiva espacial continental. E isso é-nos mostrado com o monumental *Atlas Linguarum Europae (ALE)*, já no seu quinto volume.

2.2. O LADO SOCIOLINGÜÍSTICO

A preocupação com as características sociais dos informantes e as suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da Dialectologia e, especificamente, da Geografia Lingüística. Fatores sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão – têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais, especificamente naqueles que se desenvolvem sob a metodologia geolingüística, motivados pelo que assinalam Chambers e Trudgill (1994, p.81-82):

Ao mesmo tempo em que a dialectologia começava a se deixar influenciar diretamente (ainda que levemente) pela lingüística, também começava a se deixar influir indiretamente pelas ciências sociais. Alguns dialectólogos começaram a reconhecer que se havia posto muita ênfase na dimensão espacial da variação lingüística, excluindo-se, em consequência, a dimensão social. Gradativamente isto se impôs como um juízo para alguns estudiosos, uma vez que a variação social na língua é tão comum e importante como a variação espacial. Todos os dialetos são tanto espaciais como sociais, uma vez que todos os falantes têm não só um espaço social como uma localização espacial.⁴

O *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)* é exemplar

no tratamento das variáveis sociolingüísticas, para ficar-se em apenas um caso fora do país. No Brasil, a variação de gênero vem sendo cartografada, já há algum tempo, como se vê nos resultados do *APFB* – mediante consulta às notas sobre informantes/localidades –, do *ALS*, do *ALPR*, do *ALERS* e do *ALS-II*, esses últimos com indicação cartográfica.

3. DIALECTOLOGIA: MONODIMENSIONAL OU PLURIDIMENSIONAL?

Não é descoberta da modernidade o reconhecimento das implicações sociais na língua falada por cada usuário, nem é apanágio da Sociolingüística ter estabelecido as relações entre variáveis sociais e realidade lingüística. A história dos estudos dialetais é pródiga em exemplos que expõem o conhecimento e o domínio de tal relação. A Dialectologia e especificamente os estudos geolingüísticos deixam de apresentar-se numa visão predominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social. Isso vem mostrar, ainda, que a uniformidade diatópica pode sofrer desdobramentos. À diversidade de espaços físicos e geopolíticos junta-se a consideração dos parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico, dia-referencial ou, ainda, diatópico-topoestático, diatópico-topodinâmico.

A justificativa para essa redefinição de prioridades tem base não apenas lingüística, mas também sociohistórica e política. Do ponto de vista lingüístico, o esquadramento da estrutura das línguas naturais levou ao conhecimento detalhado dos elementos que as constituem, das estruturas segundo as quais se organizam, das relações históricas que entre grupos se estabelecem, dos processos que marcam o seu funcionamento. Do ponto de vista socio-histórico e político, verifica-se que o mundo atual vem passando por profundas e sucessivas transformações que lhe oferecem nova configuração. Somente para uma breve ilustração, pensemos no Brasil de um século atrás: um país eminen-

⁴ "Al mismo tiempo que la dialectología empezaba a dejarse influir directamente (aunque ligeramente) por la lingüística, también empezaba a dejarse influir indirectamente por las ciencias sociales. Algunos dialectólogos empezaron a reconocer que se había puesto mucho énfasis en la dimensión espacial de la variación lingüística, excluyendo la dimensión social en cambio. Gradualmente esto supuso un lastre para algunos estudiosos, ya que la variación social en la lengua es tan común e importante como la variación espacial. Todos los dialectos son tanto espaciales como sociales, puesto que todos los hablantes tienen un entorno social igual que una localización espacial."

temente da ruralidade, com uma população pouco adensada, mas situada, na sua grande maioria, na área rural. A inversão dos percentuais numéricos, na atualidade, mostra que uma nova configuração demográfica, explicada por fatores diversos, se torna evidente e a mobilidade de alguns indivíduos em contraposição ao caráter sedentário de outros aponta para uma nova gama de características lingüísticas que podem incidir sobre o falante, já muito apropriadamente testadas pelo *ADDU* e descritas por Thun (2000) em trabalho no qual se ocupa amplamente com exemplificação do atlas uruguaio.

Os parâmetros que regem, assim, a escolha e o perfil de informantes passam a se revestir de uma multiplicidade de aspectos, pondo em destaque um complexo conjunto de variáveis a considerar. O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções. Os instrumentos de recolha de dados, por sua vez, vão se tornando capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações. Os questionários se diversificam; a natureza do interrogatório, da inquirição, atinge alto grau de especificidade; as formas de registro de dados captam não apenas a emissão, mas também as condições de que se reveste o ato de fala naquele momento, permitindo amplas considerações de ordem pragmática.

A realidade do momento vem demonstrando que a ênfase que assumem os fatores sociais na consideração dos fatos lingüísticos é, na verdade, uma resposta a exigências da nova configuração de que se reveste o mundo atual. E a Geolingüística, ao adotar outros parâmetros que não o diatópico, está, apenas, respondendo aos apelos da realidade atual.

A Geolingüística está multifacetada e comprometida com um amplo rol de variáveis, mas ao assumir outros parâmetros que não o diatópico e ao tomar em consideração variáveis sociais, permanece diatópica, como afirmam Contini e Tuailon (1996, p. 7): "A dialectologia tem por finalidade essencial estudar a variação geolingüística"⁵. E nisso está a sua "identidade", a definição do seu campo, a afirmação dos seus objetivos próprios. E me permito concluir citando o que afirmei (CARDOSO, 2000, p. 415) na mesa redonda "Atlas linguistiques et variabilité" (Bruxelas, 1998):

Creio que a Geolingüística hoje, neste final de milênio, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais.

⁵ "Le dialectologie a pour tache essentielle d'étudier la variation géolingüistique."

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. 2 v.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- ATLAS Linguarum Europae (ALE). Assen-Maastricht: Van Gorcum, 1983-1990. v. 1-4. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1998. v. 5.
- ATLAS Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Dirigido por THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. Fasc. A.1. Kiel: Westensee, 2000.
- ATLAS Linguistique Roman (ALiR). v. 1. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato; Libreria dello Stato, 1996.
- BALBI, Adrien. *Atlas Ethnographique du Globe*. Paris: [s.ed.], 1826.
- BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. **Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento**.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Que dimensões outras, que não a diatópica, interessam aos atlas lingüísticos? In: *CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES*, 22., 1998, Bruxelas. *Actes...* Tübingen: Niemeyer, 2000a. v. 3, p. 411-416.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas Lingüístico de Sergipe - II*. Rio de Janeiro, 2002. Tese de Doutorado..
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARNEIRO, Édison. *A linguagem popular da Bahia*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1951.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CONTINI, Michel; TUAILLON, Gaston. Introduction. In: *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*. Volume I. Présentation. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1996. p. 1-18.
- ELIA, Sílvio. *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.
- HAMPEJS, Zdenek. Estado de los trabajos de geografía lingüística en los países románicos. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 111-135, 1958.
- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora UFRGS/ Editora UFSC/ Editora UFPR, 2002.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1935.
- MENDONÇA, Renato. *O português do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1937.
- NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952.
- NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique*. Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953a.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953b.
- PARANHOS DA SILVA, José Jorge. *Alguns artigos que já forão e ôtros que ião ser publicados na REVISTA BRAZILÊIRA*. Rio de Janeiro: Tipografia de L. Winter, 1882.
- PARANHOS DA SILVA, José Jorge. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia de Lourenço Winter, 1879.
- PARANHOS DA SILVA, José Jorge. *Systema de orthographia brasileira*. Rio de Janeiro; Typographia Lourenço Winter, 1880.
- RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio;
PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. **Esboço de um
Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro:
Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui
Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah.
Atlas prévio dos falares baianos. Rio de Janeiro:
Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional
do Livro, 1963.

TEIXEIRA, José Aparecido. **Estudos de dialectologia
portuguesa: a linguagem de Goiás**. São Paulo:
Anchieta, 1944.

TEIXEIRA, José Aparecido. O falar mineiro. **Revista do
Arquivo municipal de São Paulo**. São Paulo, n. 45, 1938.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la
fin du XXe. siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE
LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 22.
1998, Bruxelas. *Actes...*, v. 3. *Vivacité et diversité de la
variation linguistique*. Tübingen: Niemeyer, 2000. p. 367-
388.